

# **Cibercultura e Adolescência: Uma análise do personagem *Mr Tambourine Man* no filme “Os Famosos e os Duendes da Morte”**

**Catarine Moscato Sturza<sup>1</sup>**

## **RESUMO**

Este trabalho centra a sua análise na relação entre a cibercultura, adolescência e a figura do personagem *Mr Tambourine Man* no filme brasileiro “Os Famosos e os Duendes da Morte”. A expansão do uso de novas tecnologias, como a interatividade, abre novas possibilidades e amplia os contextos relacionais. O ciberespaço se torna uma extensão da própria vida do adolescente, que ultrapassa o virtual e o real, favorecendo a construção de outras narrativas e uma mescla de identidades. O propósito desta pesquisa é estabelecer pontos de relacionamento entre o adolescente, que usa o codinome *Mr Tambourine Man*, com o âmbito cibercultural, uma vez que o adolescente contemporâneo convive com várias incertezas e os meios de comunicação influenciam ainda mais nessa “síndrome normal da adolescência”.

**PALAVRAS-CHAVES:** Cibercultura; cinema; adolescência; identidade.

## **1. INTRODUÇÃO**

A palavra adolescência deriva do verbo latino *adolescere* que significa crescer ou crescer até a maturidade. É nesta fase que o sujeito está se percebendo como integrante de um mundo social, com diferentes estímulos, formas de perceber o mundo, escolhas, desejos e vontades.

Mais do que nunca, os adolescentes de hoje são consumidores dos meios de comunicação e têm uma relação diária as novas tecnologias, instrumentos responsáveis pela construção de vários significados sociais.

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Graduada em Jornalismo por mesma instituição (2010).

Com o advento das novas tecnologias, o ciberespaço se tornou um canal potencial de reconfiguração dos processos de ensino-aprendizagem e de produção de comunicação na contemporaneidade (CASTELLS, 2009; LÉVY, 2010).

Por isso, a escolha do Filme “Os famosos e os duendes da morte”, que relata a história de um adolescente interiorano através das redes sociais. Tema em constante debate na esfera acadêmica devido ao aumento do uso de celulares na vida cotidiana. O objetivo deste estudo foi analisar a representação dos adolescentes através do personagem *Mr Tambourine Man* no filme “Os famosos e os duendes da morte”, de Esmir Filho, seguindo as teorias de representação social desde Immanuel Kant, passando por Durkheim, até Serge Moscovici.

Para análise do filme foi utilizado o conceito de "Síndrome da Adolescência Normal" de Aberastury e Knobel (1981), com intuito de conceitualizar o papel social desse indivíduo, enquanto ser social histórico-cultural.

Deste modo, o artigo está organizado em: “Adolescência: alguns aspectos”, “Construção Social da realidade”, “Alguns Conceitos sobre Cibercultura”, “Análise” e “Discussões”.

## **1. ADOLESCÊNCIA: ALGUNS ASPECTOS**

Um dos primeiros estudiosos a respeito foi Stanley Hall. Seu primeiro livro sobre o assunto foi publicado em 1904 sendo, por isso, considerado o pai da Psicologia da Adolescência (MUUSS, 1976). Hall caracterizou o período da adolescência como uma época de tempestade e de tormenta devido à oscilação entre tendências contraditórias: energia, exaltação e superatividade e indiferença, letargia e desprezo.

Aberastury (1980) e Aberastury e Knobel (1981) são autores dito de referência quanto a adolescência na perspectiva psicológica. Aberastury (1980, p. 15) concebe a adolescência como “um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento”. Para ele seria um período cheia de contradições, confuso, doloroso.

Aberastury & Knobel (1981) introduzem a ideia de “síndrome normal da adolescência”, uma grande contribuição dentro dessa perspectiva. De acordo com o

autor o adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas – fatores que colocam o jovem em crise. Peres (1998, p. 72), ao investigar a concepção de adolescente identifica:

a noção de crise permite dar a idéia de um desarranjo, pois a “harmonia” é pressuposta como sendo de direito... A “crise” serve, assim, para opor uma ordem ideal a uma desordem real, na qual a norma ou a lei é contrariada pelo acontecimento... Na concepção de adolescência, essa leitura faz sentido, na medida em que, dentro da evolução referida, a crise é apresentada como um desvio ou perigo do curso natural do desenvolvimento, que deve ser cuidado para a retomada da ordem natural (social).

Enquanto, antigamente, as meninas eram criadas para cuidar da casa e da família, os meninos eram preparados para trabalhar, lutar e caçar. O que antes era marcado por amadurecimento biológico e finalizado por ritual de passagem e iniciação a vida adulta, hoje é vivido por novas experiências: a primeira transa, tatuagem/piercing, viagens, festas, etc. O adolescente de hoje convive com um período escolar maior, já que procura melhores empregos, maior distanciamento dos pais e família, e a aproximação com um grupo de iguais.

Perceba que a adolescência é criada historicamente pelo homem, enquanto representação e enquanto fato social e psicológico. Mesmo quando há uma definição do que é e do que não é adolescência estamos a criando a partir de referências, ou estereótipos.

Esses futuros adultos convivem com várias contradições, configuradas a partir de suas necessidades, experiências e condições. Toda essa vivência serve como construção das significações de uma adolescência, a rebeldia, a instabilidade, os conflitos, a busca pela própria identidade.

A adolescência possui a singularidade de ser a fase em que o sujeito está se percebendo como integrante de um mundo social, com diferentes estímulos, formas de perceber o mundo, escolhas, desejos, vontades. Aos adolescentes cabe assumir um papel desbravador e conquistador.

A relação com os pais se modifica nesta fase da vida. No imaginário social os pais são os protetores, e nesta fase começam a ser percebidos como semelhantes, afinal, esses adolescentes serão futuros adultos e provavelmente mais parecidos com os pais do que imaginam.

Para a aquisição e construção da identidade essa relação sofre instabilidade pela existência agora de ruídos devido a diferença de idade e pensamentos.

## **2. CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE**

A construção social da realidade (BERGER e LUCKMANN, 2011), publicado inicialmente em 1966 e desde então reeditado inúmeras vezes apresenta dois conceitos importantes para a sociologia do conhecimento: realidade e conhecimento.

Na obra os autores veem a vida cotidiana como uma realidade interpretada pelos homens, mas dotada de sentido.

O mundo consiste em múltiplas realidades. E uma delas é a de excelência, que é a realidade da vida cotidiana. Para Berger e Luckmann (2011, p. 39) a realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes da entrada do personagem na cena.

A realidade da vida cotidiana além disso apresenta-se a mim como um mundo intersubjetivo, um mundo de que participo junto com outros homens. Esta intersubjetividade diferencia nitidamente a vida cotidiana de outras realidades das quais tenho consciência. Estou sozinho no mundo de meus sonhos, mas sei que o mundo da vida cotidiana é tão real para os outros quanto para mim mesmo.

A linguagem é a mediação da teia de relações humanas, elemento que viabiliza a dotação de significação aos objetos que compõem essa dimensão da vida. E para isso, cada indivíduo usa de um repertório de conhecimento que nos habilitam a lidar com nossos diversos mundos (o do trabalho, da família, do grupo de amigos, etc.). Esta acumulação constitui o acervo social do conhecimento que é transmitido de uma geração para outra e utilizável na vida cotidiana.

Para Berger e Luckmann (2011) a realidade da vida cotidiana ainda é apreendida num mundo de tipificações. Nas interações cotidianas, apreendemos os outros por padrões tipificadores. A estrutura social é a soma das tipificações e dos padrões recorre

Guareschi e Jovchelovitch (2011) citam que “o estoque de conhecimentos se forma através de tipificações do mundo do senso comum. Isso permite a identificação de grupos, a estruturação comum de relevâncias e possibilidade de compreensão de um modo de vida específico de determinado grupo social”.

Ao leitor e ao telespectador há dois sistemas diferentes de apreensão de sentido: o leitor de um texto impresso utiliza um único sentido, a visão, enquanto o telespectador usa simultaneamente audição e visão e cada uma em uma multiplicidade de sentidos.

Enquanto o livro é uma extensão da memória e da imaginação, o audiovisual para Adorno e Horkheimer (1985) coíbe as descobertas estéticas e reduz as possibilidades da imaginação, já que os fatos deslizam velozmente diante de seus olhos, o que “proíbe a atividade intelectual”. Com as novas tecnologias “até mesmo os distraídos vão consumi-los [os produtos da indústria cultural] alertamente” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.119).

Para os autores, o que predomina no uso da câmera no cinema é “reproduzir rigorosamente o mundo da percepção cotidiana”.

No cinema a mediação da câmera enquanto possibilidade técnica poderia ser um instrumento do alargamento dos limites do campo das possibilidades de visão do olho humano. Sobre o assunto, Walter Benjamim (apud REIMÃO, 2004) descreve: “Ela [a câmera] nos abre, pela primeira vez, a experiência do inconsciente ótico”.

O audiovisual, de fato, dá essa possibilidade de interpretação e aproximação ao cotidiano. O espectador normamente é colocado na situação de constituir a ficção, e isso ele só poderá fazer se detalhes que lhe são familiares no seu cotidiano forem fornecidos juntos no audiovisual.

Na era da comunicação de massa, como cita DeFleur & Ball-Rokeach (1993), “o que percebemos são representações da realidade e não esta, e esse fato certamente tem de causar um impacto em nós”.

Para Moscovici (2003, p. 8), a influência dos meios de comunicação em torno das representações sociais ilustra que eles fazem com que tais representações se tornem senso comum. “As representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o meio para

estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros”, cita. Isso porque percebemos o mundo tal como é e todas as nossas percepções.

### **3. ALGUNS CONCEITOS SOBRE CIBERCULTURA**

Com o advento dos computadores e da Internet, o espaço das relações interpessoais passou a ser o cibermeio, criando novas comunidades e uma nova cultura - cibercultura.

Em 1999, no livro “Cibercultura”, Pierre Lévy já citava que “o metamundo virtual ou ciberespaço se tornaria o principal laço de comunicação, de transações econômicas, de aprendizagem e de diversão das sociedades humanas”. Nas palavras do autor é “a chave da cultura do futuro”, afinal, o termo designa um universo sem totalidade.

Para Lévy (1999), todas as grandes cidades do planeta são como diferentes bairros de uma só megalópole virtual. A humanidade volta a ser uma sociedade, só que sem barreiras, uma sociedade cibernética, que quebra barreiras e não tem fronteiras ou limite na busca por informações. Reflexo disto está na cultura contemporânea.

A cibercultura instaura assim uma estrutura midiática ímpar (com funções massivas e pós-massivas) na história da humanidade, onde, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode produzir e publicar informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações, adicionar e colaborar em rede com outros, reconfigurando a indústria cultural (LEMOS, 2007, apud LEMOS, 2003, p. 125).

Esse novo cenário proporcionado pela cibernética reconfigura aspectos da vida cotidiana, como as refeições, que já são feitas acompanhadas pelo aparelho celular. É como se a vida contemporânea estivesse sempre acelerada, uma vez que as novas tecnologias romperam com o tempo real e passaram a um pensamento cibercultural.

As pessoas estão cada vez mais realizando tarefas simultâneas e sendo valorizadas por essa eficácia. São aspectos que contribuem para uma nova identidade, configurada por essa marca da cibercultura, esse binômio ciência/tecnologia.

Na prática, a cibercultura se estabelece como uma nova era midiática, em que “cada um pode tornar-se produtor, criador, compositor, montador, apresentador, difusor de seus próprios produtos” (SANTAELLA, 2003, p.82).

Os adolescentes são quem mais se apropriam das tecnologias de informação e comunicação na atualidade. “Os dispositivos da cibercultura e a síntese das suas linguagens supõem mudanças nas práticas juvenis no que se refere aos seus modos de estudar, frequentar escola, construir conhecimento” (OSWALD; FERREIRA, 2011, p.119).

Eles ainda utilizam as redes sociais diariamente. Muitos jogam online. Essas ferramentas, possibilitadas pela Internet, ainda propicia trocas sociais e estratégias para a construção das identidades. “São construções plurais de um sujeito, representando múltiplas facetas de sua identidade” (RECUERO, 2009, p.30).

Para Lemos (2008), nas redes de convivialidade na cultura contemporânea, os indivíduos não estão mais presos a uma única identidade. “As diversas comunidades virtuais emergentes do ciberespaço proporcionam emoções coletivas, identificadoras, não com o indivíduo preso a uma identidade fechada, mas com personas de diversas máscaras” (LEMOS, 2008, p. 175).

## 5. ANÁLISE

### 5.1. Objeto de estudo

O filme “Os Famosos e os Duendes da Morte” (2009)<sup>2</sup>, dirigido por Esmir Filho, é baseado no livro homônimo escrito por Ismael Caneppele.

O drama “Os famosos e os duendes da morte” conta a história de um jovem de 16 anos, sem nome, de codinome *Mr Tambourine Man* em um blog (homenagem a uma canção de Bob Dylan – seu ídolo), interpretado pelo ator local Henrique Larré, que mora em uma cidade no interior do Rio Grande do Sul de colonização alemã. O garoto que usa a Internet para fugir do tédio da vida interioriana, acessa vídeos no *Youtube* de um casal de jovens de sua cidade. O rapaz é Julian, interpretado pelo escritor do livro, Ismael Caneppele e a garota (Tuane Eggers) assina seu blog como *Jingle Jangle* – também referência à música de Bob Dylan.

---

<sup>2</sup> O roteiro que marcou a estreia de Esmir Filho na direção de um longa metragem recebeu diversos prêmios: 2009 - Prêmio FIPRESCI e Redentor de Melhor Filme no Festival do Rio; 2010 - Prêmio FIPRESCI, Prêmio Público Milênio de Melhor Longa Iberoamericano de Ficção; 2011 – indicação a Melhor Roteiro Adaptado.

A história gira em torno de seu ponto de vista e sentimentos enquanto adolescente obcecado pela Internet e pelo músico norte-americano Bob Dylan (que existe, de fato, na realidade).

## 5.2. Filme

Enquanto nos filmes de Hollywood os adolescentes são representados por pessoas claras de classe alta que vivem rotinas perfeitas para qualquer outro da mesma idade, com escolas particulares, festas, carros e belas companhias, no Brasil a situação está bem distante. Os filmes são produzidos normalmente a partir da vida na favela, na classe média, onde esses adolescentes vivem rotinas, para nós, normais. A partir dessa comparação consideramos que a leitura que se faz do personagem principal do filme analisado pode ser outra.

Em “Os Famosos e os Duendes da Morte” o autor não pretende dar continuidade a representação de uma ótima adolescência cheia de saídas com os amigos, bebedeiras, bailes de formatura, descobertas, muito pelo contrário, ele sai do estereótipo do adolescente normal, ele pretende dar a sua visão crítica da forma como os adolescentes se sentem em meio a sociedade, suas ânsias, desejos, medos, deveres e principalmente solidão.

Surgem, então, uma série de questões pertinentes que procuramos analisar junto ao personagem: plano, cenário, composição, foco.

“O garoto sem nome” frase inicial do filme que diz respeito ao menino de codinome “*Mr Tambourine Man*” parece um adolescente como outro qualquer que passa horas em frente a tela do computador, imerso na cibercultura. Como vários adolescentes, ele utiliza muito a língua inglesa. Pierre Lévy não considera um problema, e acredita que o idioma é o mais adequado quando se pretende atingir um público internacional, embora não descarte a possibilidade da versão em língua inglesa aparecer paralelamente a uma versão na língua originária (LÉVY, 2000 [1997], p. 266).

No passar da trama, percebemos que do personagem emergem questões problemáticas e profundas da idade: uma história de vontade própria de correr atrás de seus sonhos, de seguir seu próprio entendimento, de remar contra a maré. *Mr*



*Tambourine* é um garoto branco de cabelos negros, magro, que não gosta de esportes, de uma alma jovem, repleta de inquietações, mas dividido com a melancolia e a solidão.

O mundo do ser adolescente de hoje se expande, ultrapassa a instituição família, a convivência com semelhantes. O jovem agora recebe informações de todas as partes, outras pessoas, escola, assim como dos meios de comunicação de massa, a TV, e no caso do personagem, a Internet – ferramentas que contribuem para a construção de sua identidade.

O adolescente contemporâneo convive com um período escolar maior, já que procura melhores empregos, maior distanciamento dos pais e família, e a aproximação com um grupo de iguais – fatores que definem também a vida de *Mr Tambourine*, como qualquer outro de sua idade. Um bom exemplo disso é o fascínio por Bob Dylan, cantor e compositor norte-americano, que ele teve contato pela Internet. O garoto também usa um codinome (*nick*) na rede, assim como Bob Dylan é o nome artístico de Robert Allen Zimmerman.

Enquanto ele tenta passar a fachada de um adolescente comum diante das pessoas da cidade, ele viaja pela Internet a outras fronteiras. Quando está com seus amigos, na prática apenas um, Diego, o adolescente não precisa passar a fachada de um futuro adulto, alguém responsável, ao contrário, um jovem em busca de novas descobertas, como ao usar maconha no início do filme nos trilhos do trem. Como diz Goffman (2005), a fachada através da qual a prática é apresentada acentua certos fatos e oculta outros.

O cenário é uma cidade do interior do Rio Grande do Sul de colonização alemã, com ruas de paralelepípedo e casas de madeira, e o garoto mora em um bairro mais afastado do centro – o interior do interior. O filme se prende bem a essas questões culturais, como a produção de vinho na região. E isso lhe impõe um determinado tipo de comportamento. A família e a comunidade reforçam o papel de ser um bom garoto perante todos.

O mundo do protagonista como garoto está circunscrito a três instituições: família, escola e amigos (e entretenimento). Cada um destes círculos apresenta, em relação a ele, uma série de atitudes ambivalentes acerca do que é ser um adolescente na sociedade contemporânea.

Uma cena que exemplifica bem o complicado mundo do ser adolescente no interior acontece no início do filme quando o protagonista deitado em sua cama olhando para o teto da casa, fica ligando e desligando seu abajur, o que nos remete as passagens do livro:

Assim passavam as horas: deitado na cama, olhando para o teto e escolhendo, entre todos os eus, aquele que melhor eu seria. Bastava permanecer parado para as estrelas acordarem ao primeiro sinal de escuridão. Aquele era o meu segredo: permanecer imóvel para viver o que não existia - o que ainda não e o que nunca mais (CANEPPELE, 2009, p. 7).

Enquanto os garotos da cidade, como seu amigo Diego (vivido por Samuel Reginatto) desejam seguir o calendário normal da vida interioriana, estudar, ser um bom trabalhador, ter ótimo convívio com a família, *Mr Tambourine* quer mais, quer atravessar a fronteira, sair da cidade em busca de seu ídolo, o cantor Bob Dylan, já que ouve suas músicas e o acompanha através da Internet, objeto de consumo que parece essencial a sua vida cotidiana. Perceba que mesmo o adolescente que vive no interior - hoje não mais aquela pessoa que apenas seguia os caminhos de seus pais – é um ser desterritorializado, como dizia James Lull, aquele que perdeu sua relação natural entre cultura e território geográfico e social.

Na internet, o garoto assume outra identidade, posta comentários, assiste vídeos e conversa em um bate-papo (MSN) com E.F. (uma referência a Esmir Filho, diretor da trama), que excita o garoto a pensar no futuro, como nas frases: “Quando você acorda, a vida já passou“ e “Longe é o lugar onde a gente pode viver de verdade”.

A ponte de ferro que liga Arroio do Meio e Lajeado-RS, enquanto o objeto do mundo real, é um local constantemente lembrado no filme. O casal de namorados do quais imagens são colocadas no meio das cenas, vídeos do *Youtube* que *Mr Tambourine* assiste, Julian e *Jingle Jangle*, também moradores da cidade, são tipificados pelos moradores como aqueles que se suicidaram na ponte. O rapaz sobreviveu ao pular da ponte, mas a garota, irmã de Diego morreu. No início do filme Diego parte para cima de Julian e só no meio do filme se entende que era quem tentou se suicidar junto com a irmã dele. Em outras palavras a ponte é um constituinte objetivamente acessível da realidade, como cita Berger e Luckmann (2011), já que ela enquanto o objeto, estrutura, exprime o vazio, a solidão, a tristeza da cidade. Outro momento que há essa tipificação

é quando a mãe de um dos colegas de classe, Paulinho (Lucas Domenico), interpretada por Adriana Seiffert, também se suicida na ponte após dois anos da morte de seu marido.

A solidão do adolescente e o drama na qual passa a cidade diante de tais suicídios são os focos centrais da história, que tem uma trilha sonora regada a folk e rock. Em alguns momentos são usadas imagens em primeiro plano (*close up*) de *Mr Tambourine*, como do casal Julian e *Jingle Jangle* – fatores que retratam a infinita dramaticidade e melancolia, uma reflexão mais psicológico-existencial dos personagens. Outro fator que contribui para a dramaticidade da história é a programação do rádio na cidade, que falta de morte e baixas temperaturas. O filme se passa no inverno gaúcho.

Quanto à morte de seu pai, que o lirismo do autor deixa subentendido de como aconteceu, ele se recusa a aceitar a realidade, falar do assunto ou até mesmo ir ao cemitério colocar flores no túmulo do pai como convida sua mãe e avó. Em uma das postagens de seu blog ele grava um vídeo onde cita: “nunca mais voltará a ser três”, definindo sua família. Sua mãe, interpretada por Áurea Baptista, ainda sofre a morte do marido, mas procura manter a aparência de uma família normal. Porém, sua atenção maior está na cadela Inês que recebe todos os mimos como se fosse uma filha.

Sendo membro de uma família incompleta sem a presença masculina, ele alterna entre ser o adolescente e o único homem da casa. Ele representa uma família onde tem o papel social de filho, mas ao mesmo tempo quer se mostrar adulto, uma oscilação entre sinceridade e cinismo. Em uma das cenas a mãe dele percebe que seu filho cresceu ao oferecer vinho para o garoto que bebe, de fato, como um adulto.

Ela tenta a todo custo trazer o menino de volta ao convívio com a família e a comunidade prolongando uma visão tradicionalista de campanha (região onde moram imigrantes e seus descendentes no Sul do país), onde todos os moradores colaboram para a festa junina da cidade. Seus avôs são os noivos da quadrilha e sua mãe também vai, assim como todos da cidade. O garoto não dá a mínima para esse evento que reúne toda a cidade, se isolando do público.

A obsessão do protagonista por Bob Dylan preenche o vazio que há adolescência traz consigo, o instigando a conhecer o mundo.

De certa forma, a procura por agradar a cachorra da sua mãe é a mesma procura de *Mr Tambourine* por outros ares, longe do interior marcado por festas rotineiras e suicídios. Por sentir-se diferente não consegue envolver-se com o meio em que vive.

A solidão é retratada durante toda a trama em meio a uma ideia de mistério a ser desvendado. A realidade que corre entre a de existência e a virtual de *Mr Tambourine* são filmadas em meio a preencher todos os vazios de enquadramento com muitos significados.

### 5.3. Discussões

A representação feita pelo ator Henrique Larré enquanto *Mr Tambourine Man* nos parece fidedigna, já que ele também é um adolescente que convive com uma rotina de certa forma semelhante a do personagem encenando um estudante, filho, amigo, etc. “Os textos, mesmo em mãos de atores iniciantes, podem ganhar vida porque a própria vida é uma encenação dramática” (GOFFMAN, 2005, p. 72).

O personagem já nasceu em um mundo existente e precisa apenas partilhar e lidar com as ideias de seus semelhantes. Como diz Moscovici, o indivíduo nasce em um mundo de conhecimento de senso comum, mas não científico (processo pelo qual “os humanos adquirem no processo de suas educações” – MOSCOVICI & MARKOVÁ, 2000).

Se pensarmos em questão de fachada social, como diz Goffman (2005, p. 41), o garoto assume um papel social já estabelecido, ou seja, uma fachada já estabelecida para esse papel. Podemos pensar na execução dessa prática como uma “idealização”: “Assim, quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo”.

Para Durkheim, onde há pouca ou nenhuma divisão do trabalho, como acontece na cidade sulista do filme, as pessoas não só agem de maneiras parecidas, como também pensam e sentem de maneiras semelhantes. Porém, se todos agissem igualmente os membros da sociedade seriam homogêneos em sua organização psíquica social. E é o

que acontece no filme, já que o protagonista tenta fugir dessa forma uniforme de viver na cidade.

Várias passagens da música *Mr Tambourine Man* de Bob Dylan exemplificam as dúvidas e solidão da qual passa o protagonista como:

- “I'm not sleepy and there is no place I'm going to.” (Não estou dormindo, e não há lugar onde eu possa ir);
- “And the ancient empty street's too dead for dreaming” (E a velha rua vazia está muito morta para sonhar);
- “I'm ready to go anywhere, I'm ready for to fade Into my own parade, cast your dancing spell my way, I promise to go under it” (Estou pronto para ir a qualquer lugar, estou pronto para desaparecer. Em minha própria parada, moldando sua dança a meu caminho, Eu prometo segui-lá);
- “Then take me disappearin' through the smoke rings of my mind” (Então me faça desaparecer através dos anéis de fogo de minha mente);
- “Let me forget about today until tomorrow” (Deixe-me esquecer do hoje até amanhã).

Em uma das cenas do filme, a mãe de *Mr Tambourine Man* diz que quer que os netos dela a visitem quando ela ficar mais velha, ou seja, os filhos de seu filho, a geração futura - que ainda não existe - uma referência aos sucessores como cita Berger e Luckmann (2011). “Minhas relações com os outros não se limitam aos conhecidos e contemporâneos. Relaciono-me também com os predecessores e sucessores, aqueles outros que me precederam e se seguirão a mim na história geral da minha sociedade”. No filme, os antepassados do protagonista são imigrantes alemães, tipificados como “colonos” na cidade.

No filme, a representação tem papel central na formação da identidade do indivíduo. O garoto usa de um repertório de formas e conhecimentos vindo tanto da cultura, da comunidade, como da experiência que tem com as novas tecnologias. “As representações sociais [...] estão enraizados ou inter-relacionadas com várias práticas sociais e com discursos profissionais e científicos” (MARKOVÁ, 2006).

## 6. CONCLUSÃO

As representações sociais são as características de uma determinada época e contexto histórico; um conjunto de crenças, ideias, valores, sentimentos e condutas elaborados a partir de modelos culturais e sociais para compreensão da realidade. A linguagem, as palavras são a ponte dessa interação social.

Perceba que um bom exemplo de representação são os adolescentes na sociedade ocidental. Contemporaneamente, são jovens estudados, que entraram para escola muito cedo, sujeito meio criança, meio adulto, que ainda não sabe o que quer fazer em meio a tamanha globalização. É um momento de dúvida para muitos. Esta representação que, atualmente é tida como normal, seria impensável em séculos passados, cuja representação social era de uma mudança vivida de forma coletiva, ritualizada, tradicional.

Enquanto para muitos a vida social é a base do ser adolescente, para o personagem do filme “Os famosos e os duendes da morte”, *Mr Tambourine Man*, há muito mais do que viver no real, mas buscar realizar sonhos e desejos.

A cada modificação individual ou coletiva e até nas condições a que está inserido, o adolescente tende a desenvolver mecanismos de defesa, como acontece com o protagonista, que vão desde um sentimento de culpa, incapacidade, até isolamento. Esses mecanismos acontecem muito na adolescência, período natural do desenvolvimento humano.

Por tudo o que foi exposto, considera-se que a representação do adolescente não pretende dar continuidade a visão tradicional que mostra o adolescente como um ser hiperativo, que quer curtir, namorar, sair com os amigos – a “síndrome normal da adolescência” estabelecida por Aberastury & Knobel (1981) que permeia até hoje - mas alguém que tem vontade de mais, de transpassar seus limites, correr contra a maré – um ser de desejos e vontades maiores – ”cansado de fazer nada” como cita o protagonista. Apesar dessa rebeldia, o protagonista ainda é melancólico, solitário e obcecado pelo mundo virtual.

Conclui-se que a construção da identidade adolescente é um processo que está diretamente ligado ao contexto sociocultural no qual ele está inserido. Esses fatos

reforçam a ideia de Bakhtin (2006), onde cada época e cada grupo social tem seu repertório de formas de discurso na comunidade, que é inteiramente determinada pelas relações de produção e pela estrutura sociopolítica, principalmente em uma época permeada pela cibercultura.

Por meio dos significados passados pela representação no filme que damos sentido a nossa experiência enquanto indivíduo e aquilo que somos. Podemos considerar assim, os meios de comunicação de massa como um determinante importante na construção de vários significados sociais, como afirma Moscovici (2003, p. 8), a influência dos meios de comunicação em torno das representações sociais ilustra que eles fazem com que tais representações se tornem senso comum. “As representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros”, cita.

Todo o resgate histórico feito nesta pesquisa mostra que as práticas e discursos sociais envolvem representações sociais. E o desafio da teoria da representação contemporânea está, de fato, em separar esses dois pesos.

## 7. REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1981.

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: 2º Ed, Zahar, 1985.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BENJAMIM, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. In: REIMÃO, Sandra. Livros e Televisão: correlações. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 2011.

CANEPPELE, Ismael. **Os famosos e os duendes da morte**. São Paulo, Iluminuras, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

DEFLEUR, Melvin L. & BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1993.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**: As regras do método sociológico. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

LEMO, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MARKOVÁ, Ivana. **Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MARX, K., ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. 10ª ed. Ed. Hucitec. São Paulo, 1996.  
In: GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MUUSS, R. **Teorias da adolescência**. Belo Horizonte. Interlivros, 1976.

OSWALD, Maria Luiza M. B.; FERREIRA, Helenice M. C. Educação e cibercultura: novos objetos e sujeitos culturais, novos modos de aprender e ensinar. In: FREITAS, Maria Teresa. **Escola, tecnologias digitais e cinema**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

PERES, F. & ROSENBERG, C. P. **Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da saúde pública**. Saúde e Sociedade, 7(1),53-86, 1998.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

\_\_\_\_\_. Elementos para o estudo dos jogos em sites de redes sociais. In: BARBOSA, Marialva, MORAIS, Osvaldo J. (Orgs) **Comunicação, cultura e juventude**. São Paulo: Intercom, 2010.



SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano:** Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.